

Subjetividade e dessubjetivação em textos dissertativos-argumentativos: analisando algumas propostas didáticas

Luciano Novaes Vidon¹ e Izabelle de Jesus dos Santos¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, Brasil

lnvidon@yahoo.com.br, js.izabelle@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, fundamentado teórica e metodologicamente na teoria dialógica bakhtiniana (BAKHTIN, 1992; 2003), questiona-se a concepção tradicional de dissertação, analisando-se materiais didáticos de ensino de língua portuguesa. Aponta-se a importância de se levar em conta, no ensino do texto dissertativo-argumentativo, a questão da subjetividade em sua relação com o gênero discursivo. Este trabalho de pesquisa é de grande relevância para o estudo do processo de ensino de gêneros dissertativo-argumentativos nas escolas, pois procura identificar nas práticas escolares, através dos materiais didáticos utilizados, os indícios de processos discursivos de *dessubjetivação* (apagamento do *eu* e do *outro* nos textos dissertativos). Analisam-se, desse modo, nessas práticas linguístico-pedagógicas, estratégias diversas de dessubjetivação discursiva (AMORIM, 2001; VIDON, 2010).

0 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa, vinculado ao projeto “Subjetividade e dessubjetivação em textos dissertativos-argumentativos escolares” (VIDON, 2010), investigamos a questão do ensino da dissertação em diferentes materiais didáticos de língua portuguesa, destinados a estudantes do ensino médio. Como são expostas, nesses materiais didáticos, as características, estruturas e estilos presentes nos gêneros dissertativo-argumentativos? O que, segundo esses materiais didáticos, deve ou não conter um texto dissertativo-argumentativo?

Tradicionalmente, a orientação comum a respeito dos gêneros dissertativo-argumentativos é a busca de uma *objetividade*. Isso contrasta com uma *subjetividade* que constitui, também, a enunciação desses gêneros, colocando-se, assim, a seguinte questão: como ser objetivo ao mesmo tempo em que se tem que produzir um texto que contenha uma argumentação e, portanto, alguma forma de subjetividade? Através desse trabalho de pesquisa, pretende-se questionar esse modo tradicional de conceber e trabalhar os gêneros dissertativo-argumentativos, em que se sobrepõe a objetividade à subjetividade.

Essa investigação é de grande relevância para o estudo do processo de ensino de gêneros dissertativo-argumentativos nas escolas, pois procura identificar nas práticas escolares, através dos materiais didáticos utilizados, os indícios de processos discursivos de *dessubjetivação* (apagamento do *eu* e do *outro* nos textos dissertativos). Analisam-se, desse modo, exemplos utilizados para se “esconder” ao máximo a subjetividade do autor em prol de uma *dessubjetivação* discursiva (VIDON, 2010).

Através de análises comparativas entre materiais didáticos diferentes de ensino de língua portuguesa, discutimos essa suposta objetividade (que se articula a outras noções, como neutralidade e imparcialidade) como um dos principais “pontos de partida” para elaboração desse gênero discursivo, tentando avaliar as consequências dessa concepção.

1 A DISSERTAÇÃO NOS MATERIAIS DIDÁTICOS: PEDAGOGIA DA DESSUBJETIVAÇÃO

Nossos professores de língua portuguesa, assim como os de praticamente todas as outras disciplinas, recorrem constantemente aos livros e materiais didáticos. Na maioria das vezes, esses materiais trazem uma mostra bem superficial das características que supostamente fazem parte da constituição do texto dissertativo. Há necessidade, para esses materiais didáticos, do aluno aprender, por exemplo, a retirar as marcas de individualidade, de subjetividade de seu texto. A estratégia didática é a identificação e retirada de marcas estilísticas próprias e substituição dessas marcas por recursos expressivos que apresentem um efeito de sentido de neutralidade, imparcialidade.

Nesse sentido, para dar diretrizes de como proceder na produção de textos pertencentes ao gênero dissertativo-argumentativo, um dos pontos primordiais que os livros didáticos apresentam é a questão da *impessoalidade*, e as estratégias linguístico-discursivas para se atingir esse objetivo. Outra característica importante fundamenta-se em valores que vão atingir o consenso entre os leitores; é preciso dar lugar à palavra alheia, pois além de já ter sido veiculada, muitas vezes com ampla aceitação, ela é importante para não deixar implícita a idéia do produtor do texto. Ao mesmo tempo, os autores consideram importante também inserir a palavra própria do locutor, para mesclar dois discursos na exposição de uma idéia de um tema proposto.

Em geral, como no exemplo a seguir, extraído de um dos materiais didáticos analisados, encontramos as seguintes características do texto dissertativo-argumentativo:

“- expõe uma idéia ou um ponto de vista sobre determinado assunto; pode também conceituar ou definir um objeto, seja ele concreto ou abstrato;
- apresenta intenção persuasiva;
- convencionalmente, apresenta três partes essenciais: tese (ou idéia principal), desenvolvimento e conclusão;

- linguagem geralmente clara, direta, objetiva e impessoal, como predomínio da função referencial;
- predomínio do padrão culto e formal da língua;
- verbos predominantemente no presente do indicativo.”
(CEREJA & MAGALHÃES, 2003)

3 ESTRATÉGIAS DE *DESSUBJETIVAÇÃO*

O objetivo principal do ensino dos gêneros dissertativo-argumentativos nas escolas tem sido concebido, conforme revelam os materiais didáticos analisados (AMARAL, 2000; CEREJA & MAGALHÃES, 2003; JORDÃO & BELEZZI, 2005), como um processo linguístico-pedagógico de *dessubjetivação* discursiva. Supõe-se que esses gêneros exijam uma objetividade, uma imparcialidade, apesar de, muitas vezes, os textos dos próprios alunos apresentarem marcas singulares de subjetividade.



PARA ESCREVER COM EXPRESSIVIDADE

A impessoalidade

Todo texto, independentemente do gênero textual a que pertence, pode trazer marcas de pessoalidade ou de impessoalidade. Quando o autor se apresenta de modo evidente, manifestando-se como locutor, dizemos que o texto é *personal*. Quando há um esforço da parte do autor em se distanciar do assunto abordado, tratando objetivamente dos fatos, dizemos que o texto é *impessoal*.

Em textos científicos e argumentativos, como a crítica, o editorial, a dissertação, quase sempre se procura escrever com impessoalidade, pois essa característica confere maior credibilidade ao texto, como se ele contivesse verdades universais e indiscutíveis. O texto com marcas de pessoalidade, ao contrário, tende a ser considerado subjetivo e, portanto, menos confiável quanto ao ponto de vista que defende.

Leia este excerto de texto argumentativo, que discute a obrigatoriedade do uso de uniforme nas escolas:

Sempre defendi a idéia de que nossos alunos não devem usar uniforme. Acho que, se a sociedade em que vivemos é marcada pelas diferenças, é natural, pelo menos do meu ponto de vista, que na escola essas diferenças apareçam nas roupas, nos penteados. No meu modo de ver, a democracia está nas pequenas coisas do dia-a-dia: nas discussões que tenho com meus filhos em casa, nas decisões que eu tenho de tomar com minha mulher, e está também na liberdade de escolha de meus filhos quanto à roupa que eles vão usar para ir à escola.

Nesse excerto, há várias marcas de *pessoalidade* do discurso. Seja no emprego da 1ª pessoa de verbos e pronomes (*defendi, nossas, vivemos, tenho, meus, eu tenho, minha*), seja em expressões

Vemos, nesse caso, que o principal aspecto discursivo trabalhado do gênero dissertativo-argumentativo é a *impessoalização* - aquele que disserta não deve se identificar, apelando sempre para elementos que tornem o texto impessoal. Isso pode ser conseguido através do uso de pronomes de 3ª pessoa, da partícula "se" e da voz passiva, entre outros procedimentos. Nesse contexto, cabe o conceito de leitor universal, ou seja, deve-se escrever para um interlocutor indefinido, capaz de compreender qualquer argumento. Por sua vez, deve-se fundamentar os argumentos, mas nunca usando exemplos pessoais, "achismos" e/ou opiniões muito explícitas (não se deve utilizar pronomes de 1ª pessoa).

O discente, por fim, é sempre levado a saber o que vem a ser um bom texto lendo textos modelares, considerados acima da média, apresentados nos próprios materiais

didáticos. A partir desses modelos de textos, procura-se mostrar que os argumentos devem ser consistentes (evitar "clichês") e verdadeiros (verdade científica ou baseada na realidade). Procura-se mostrar, também que é bom tentar ser criativo, não colocar aquelas expressões "batidas", usadas com muita frequência, pois empobrecem a redação. Aconselha-se, enfim, ao estudante que não use provérbios, ditos populares ou frases feitas e que só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar, apenas fazendo uma breve menção.

como *Acho que, do meu ponto de vista, No meu modo de ver*, é visível o interesse do locutor em relatar a sua visão sobre o assunto, a partir de sua experiência. Trata-se, portanto, de uma visão subjetiva.

Compare o excerto lido com este outro, sobre o mesmo assunto:

Na década de 60, os nossos alunos utilizavam uniforme. Nessa época a escola passou por grandes alterações. Novos métodos de ensino foram implantados. Conceitos como consciência crítica e social, criatividade e respeito a valores comunitários tornaram-se vivos na prática da escola. Optou-se, também, pela não-utilização do uniforme. A prática pedagógica da escola tem sido construída ao longo do tempo: educandos e educadores são os principais agentes dessa construção. Regras e normas são elaboradas e devem refletir a necessidade do grupo, ou seja, estar a serviço desse mesmo grupo. A utilização do uniforme deveria proporcionar benefícios significativos à comunidade escolar.

(Eduardo Roberto da Silva. País&Teens, nov/dez/jan. 1997.)

Observe que, em quase todo o texto, o autor trata do tema de forma distanciada. Sua presença é sentida mais diretamente apenas no emprego da expressão "nossos alunos". No restante do texto, há uma série de mecanismos linguísticos que tornam a linguagem impessoal. Veja estes trechos:

- 1ª) "Nessa época a escola passou por grandes alterações. Novos métodos de ensino foram implantados."
- 2ª) "Conceitos como consciência crítica e social, criatividade e respeito a valores comunitários tornaram-se vivos na prática da escola."
- 3ª) "Optou-se, também, pela não-utilização do uniforme."
- 4ª) "Regras e normas são elaboradas e devem refletir a necessidade do grupo, ou seja, estar a serviço desse mesmo grupo."

Perceba que, no 1º trecho, o autor afirma que a *escola* passou por grandes alterações. É evidente que ele se refere à instituição como um todo, o que inclui as pessoas, isto é, os *profissionais da educação*. Em seguida, afirma que "novos métodos foram implantados". Quem teria implantado esses métodos?

No 2º trecho, "consciência crítica e social, criatividade e respeito a valores comunitários tornaram-se vivos" para quem? No 3º, quem teria optado pela não-utilização do uniforme? Os diretores de escola, os pais, os professores, os alunos? No 4º, as regras e normas escolares foram elaboradas por quem? Como se vê, o autor do 2º excerto busca conscientemente a impessoalização do texto. Isso o torna mais objetivo e as idéias defendidas ganham maior credibilidade junto ao leitor.

Assim, se desejamos conferir maior impessoalidade e objetividade aos nossos textos, devemos substituir expressões como *Eu acho, Na minha opinião, No meu modo de ver, Do meu ponto de vista*, etc. por outras como *Conviém observar, É bom lembrar, É preciso considerar, Não se pode esquecer, É indispensável, É importante*, etc.

Os livros didáticos analisados partem do princípio de que é preciso inserir a idéia do outro, em um texto de própria autoria, que é preciso ler os textos de outras pessoas para melhorar os próprios textos, e a partir disso, usando outros bons exemplos, é possível tornar o texto mais interessante e convincente. Discutem, também, sobre de que forma esses mesmos textos usam as palavras para instruir, comover ou persuadir segundo estilos pessoais.

Há, também, reflexões sobre a presença da polifonia, ou seja, a presença de mais de uma voz no texto. Trata-se, segundo os livros didáticos analisados, de um recurso muito útil na elaboração de textos dissertativo-argumentativos. A polifonia pode servir para auxiliar na introdução da voz de outra pessoa, voz essa que pode servir de apoio a que se quer atestar ou de ponto oposto para uma contestação, recomendados pelo livro didático.

Segundo Faraco (2003),

“o sujeito tem [...] a possibilidade de singularizar-se e de singularizar seu discurso não por meio da atualização das virtualidades de um sistema gramatical (como quer a estilística tradicional), ou da expressão de uma subjetividade pré-social (como querem os idealistas), mas na interação viva com as vozes sociais.”

A característica mais trabalhada, no entanto, nesses materiais didáticos, é a impessoalização do texto, como forma de dessubjetivá-lo, constituindo, assim, uma imagem discursiva de objetividade. Isso é o que vem explícito em todos os livros didáticos. Sem dúvida, isso terá reflexos importantes nas produções dos alunos de ensino médio, particularmente os que estão envolvidos com o processo de seleção do vestibular.

É o que observa Vidon (2010):

“Em seu percurso escolar, o estudante é, principalmente a partir do ensino médio, instado a dissertar, isto é, expor idéias e argumentar sobre temas variados, em geral socialmente relevantes e polêmicos. Desde as primeiras “lições” sobre esse gênero do discurso, pensa-se em uma *configuração enunciativa* que aponta para um processo de *dessubjetivação* (cf. AMORIM, 2001).”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das diversas análises realizadas, foi possível constatar que os livros didáticos procuram ensinar os estudantes a “ mascararem ” os seus textos dissertativos, no sentido de que devem trabalhar o efeito de objetividade em seus textos.

O estudante se preocupa, assim, em sempre adequar seu texto a essas regras “ impostas ”, mais do que se “ libertar ” discursivamente para produzir um texto mais autêntico. Para isso, o discente tem que tentar ser o mais neutro possível, o que é uma tarefa muito complicada, sendo que, muitas vezes, o que o ele escreve é algo de sua experiência pessoal, ou sua própria opinião.

De acordo com Faraco (2003),

“a interação com as vozes sociais presume, para o exercício da autoria, uma intensa circulação que definirá, em algum momento e sempre como algo a renovar, uma identificação autoral.”

É ainda Faraco quem afirma que “ autorar ”, entre outras possibilidades, é “ assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais ” (FARACO, 2003, p. 83).

A continuação deste estudo tem por intuito a busca por uma visão menos convencional da abordagem de textos dissertativos, por parte das instituições públicas ou privadas.

Para isso, é preciso compreender o papel do outro no nosso discurso, como propõe Bakhtin.

“O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas.” (BAKHTIN, 1992a: 195).

Isso não deve significar, no entanto, apagamento do eu, da palavra própria, ainda que nascida da palavra alheia.

Os materiais didáticos, pelas análises feitas, parecem querer responder à escola, ao professor e a sociedade ao mesmo tempo. Todavia, olhando o modo como se é ensinado o gênero dissertativo-argumentativo, perde-se o foco no sujeito e suas possibilidades de se subjetivar, se autorar discursiva e dialogicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Amorim, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Editora Musa, 2001.
- [2] Amaral, E. (Org.) *Português: Novas palavras: Literatura, Gramática e Redação*. São Paulo: FTD, 2000.
- [3] Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [4] _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- [5] Cereja, W e Magalhães, T. *Português: Linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.
- [6] Faraco, C. A. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- [7] Jordão, R e Bellezi, C de O. *Letras & Contextos: Língua, Literatura e Redação*. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
- [8] Vidon, L. N. *Subjetividade e dessubjetivação em textos dissertativo-argumentativos*. Projeto de Pesquisa. PRPPG/UFES, 2010.